

PROJETO DE ANÁLISE DA "CONVERSAÇÃO LITERÁRIA"

Dino Preti
PUC/SP
Projeto NURC/SP

Introdução

As pesquisas que envolvem o conhecimento da variação lingüística, normalmente, se valem de corpora falados, mas não podemos esquecer que, se quisermos conhecer esse fenômeno em épocas anteriores ao advento da gravação, devemos recorrer aos mais variados textos, inclusive os literários, que testemunharam pela memória dos escritores como falavam as pessoas de seu tempo. Ainda que as personagens representem uma boa margem de criação exclusiva dos autores, os exemplos de interação apresentados nos livros poderão servir-nos como modelos das estratégias, conversacionais de outras épocas.

Por outro lado, ainda hoje, esses modelos construídos, em tempos longínquos ou mais próximos, poderão, eventualmente, figurar como padrões ideais, a ponto de surpreender-nos por estratégias não encontradas habitualmente na conversação natural.

A busca dessas estratégias conversacionais no diálogo construído da literatura e a sua análise constituem, em princípio, os objetivos desse projeto, desenvolvido em conjunto com orientandos da pós-graduação, do programa de Língua Portuguesa da PUC/SP.

1. Histórico

Este projeto é uma retomada de uma pesquisa realizada entre 1970 e 1972 sobre níveis de fala nos diálogos da literatura brasileira, abrangendo um levantamento de nossa prosa de ficção durante o século XIX e primeiros anos do século XX.

Num primeiro momento, a pesquisa focalizou apenas os diálogos literários, deixando fora, portanto, a linguagem dos narradores. A análise baseava-se nas propostas teóricas de sociolinguistas como Halliday, Labov, Berstein, Fishman, Dittmar, Bright, Ferguson, a propósito das variações de linguagem. Terminada a pesquisa, dela resultou a obra Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sobre o diálogo na literatura brasileira, lançada em 1974 e reformulada a partir de sua 4ª edição, até chegar ao que representa hoje, isto é, um manual de introdução aos estudos da variação lingüística, com sua 9ª edição, no ano 2000.

Posteriormente, já na década de 90, alguns ensaios nossos voltaram ao mesmo tema, desta vez incorporando algumas idéias da Análise da Conversação e incluindo nos exemplos problemas ligados ao narrador (Preti, 1984, 1993, 1997 e 1998).

Desnecessário seria dizer que, em todos esses estudos, a análise se abriu consideravelmente, tendo havido a necessidade de, para explicitar o contexto histórico-social e literário, lançar mão de outros campos teóricos, como os da História, da Sociologia, da Teoria Literária, da História da Literatura etc.

2. Uma teoria da "conversação literária"

A utilização de um corpus de natureza literária corre sempre o risco de sermos influenciados por propósitos que se ligam à crítica literária, ou seja, de repente, nos vemos envolvidos por problemas de natureza estética, discutindo influências de momentos históricos da literatura ou, num plano mais amplo, pretendendo abordar temas muito

discutíveis, como, por exemplo, as relações entre a arte e a realidade expressa na língua ou, ainda, discutindo padrões de verossimilhança entre o texto criado e os fatos reais que lhe podem ter servido de inspiração. É evidente que tais problemas não podem ser totalmente ignorados pelo analista, pois fazem parte do leque de informações necessário, muito vezes, em nível de enunciação, para que seja possível compreender melhor as estratégias conversacionais das personagens, envolvidas em determinadas cenas do diálogo construído.

Parece-nos claro que não se pode afirmar que o diálogo literário represente exatamente a conversação natural, pois algumas de suas marcas, como as repetições, as hesitações, os marcadores conversacionais, as sobreposições de vozes etc. raramente se revelam nos textos de ficção, porquanto qualquer tentativa de uma transcrição mais fiel da fala poderia não coincidir com as expectativas do leitor de um texto de ficção.

Pensamos, porém, que as personagens poderiam em seus diálogos revelar estratégias comunicativas, surpreendendo-nos pela forma como resolvem seus problemas interacionais.

Os diálogos da prosa de ficção, considerados os contextos trazidos pelas informações do narrador ao longo da obra, podem revelar, não apenas as variações provenientes dos vários fatores sociolinguísticos, mas também as ligações entre os estados interiores dos "falantes" e sua expressão verbal, isto é, as estratégias que empregam na conversação para atingirem uma interação ideal. Não se trata, evidentemente de pretendermos encontrar formas mais "corretas" de expressão escrita, que possam, reproduzir a interação natural dos falantes, na realidade. Vamos mais além: desejamos estudar modelos mais eficientes de comunicação em busca de certos modelos que possam ir além das estratégias comumente encontradas nos diálogos naturais.

De fato, ao analisarmos uma conversação natural, nos mais diferentes tipos de interação, "somos atingidos freqüentemente, de um modo perverso, pela sua aparente falta de naturalidade, pela sua dificuldade em ser compreendida. Comparada com o diálogo numa peça ou num romance, a conversação natural nos atinge com o que não esperamos, não operando por um padrão preconcebido". (Tannen e Lakof (1994-. 139)

A pesquisa poderia revelar-nos modelos interiorizados ou esquemas para a produção de conversação, princípios gerais que poderiam identificar níveis diferentes da realidade psicológica das personagens e a forma como são representados no diálogo construído.

Sabemos que os prosadores constituem, em todas as épocas, fontes de documentação da linguagem de seu tempo e o seu diálogo (principalmente, na prosa de costumes) revela informações linguísticas preciosas sobre como as pessoas se comunicavam, a forma como se tratavam e o valor de certas maneiras de dizer, nos diversos tipos de interação de que participavam. Já afirmamos em outro momento (tratando do problema das formas de tratamento, em Eça de Queirós), que a obra literária, em épocas em que, ainda, não se possuía o registro eletrônico da fala, constitui uma fonte confiável e obrigatória da documentação da história da língua:

"Como as formas de tratamento constituem uma convenção estabelecida no sistema de comunicação social, a reprodução na literatura corresponde quase sempre a um dos momentos de maior integração entre ficção e realidade. Um escritor dificilmente imaginaria criar um diálogo em que as personagens se tratassem diferentemente da realidade da época em que vivem. Muito menos um romancista realista. Seria um insuportável índice de inverossimilhança." (Preti, 2000: 97)

Além da busca desses modelos ideais de estratégias na interação verbal, a pesquisa do diálogo nos textos de ficção poderá servir-nos para o estudo de traços de interatividade na língua escrita dos diálogos, tema pouco abordado pela pesquisa linguística.

3. O referencial teórico

A pesquisa envolve um quadro teórico bastante complexo, tendo como centro a Análise da Conversação, porque seu objetivo maior é conhecer estratégias conversacionais, no diálogo construído. Mas, como a análise abrange também aspectos extralingüísticos, como o contexto histórico em que se situam as cenas analisadas, a situação de comunicação ou as características socioculturais dos "falantes", haverá necessidade de incursões pela História Social da Linguagem, pela Pragmática, pela Sociolingüística, pela Sociolingüística Interacional, pela Análise do Discurso.

Assim, por exemplo, em alguns textos, as informações expressas pela enunciação podem ser tão importantes quanto as falas; em outros, as variáveis sociais das personagens podem explicar suas estratégias conversacionais e seu comportamento quando interagem.

4. A metodologia: etapas da análise da "conversação literária"

Para processar um estudo mais sistemático e proveitoso parece-nos conveniente que se opte por um determinado autor, embora se possam também aproveitar obras diversas em prosa (romances, novelas, contos), em que ocorram cenas com falas em discurso direto. No entanto, por uma questão de aproximação da experiência lingüística que deverá unir pesquisador e "falantes" pesquisados, é melhor que se trabalhe com textos urbanos, evitando-se o quanto possível a análise de textos regionais, em que formas de dizer podem não coincidir com o uso conhecido do analista. Da mesma forma, textos mais próximos no tempo poderão oferecer melhores elementos de análise. Mas essas condições podem ser relativizadas, em função da experiência do analista.

A seleção dos textos adequados constitui uma condição fundamental para a boa realização da análise, da mesma maneira como deveremos, com as mesmas finalidades de análise, escolher os diálogos naturais que nos permitam vislumbrar com mais precisão as estratégias dos interlocutores neles envolvidos.

4.1. Os fatores extralingüísticos

Este estudo compreende as informações de ordem pragmática que cercam o diálogo construído, o contexto em que ocorre, bem como a explicação de pormenores da situação de comunicação, às vezes, só conhecidos pela voz narrativa (época, local da interação, grau de intimidade entre as personagens etc.) os quais podem revelar-se nas variações de registro (formal, comum, coloquial). Além disso, faz parte dessa etapa o levantamento das características das personagens, que podem explicar, eventualmente, sua linguagem.

Assim, pode-se pensar nas variáveis sociais (profissão, grau de escolaridade, status etc.); variáveis biológicas (faixa etária, sexo); variáveis psicológicas (tipo de pessoa: tímido, extrovertido, nervoso etc. que poderiam influir, por exemplo, no seu ritmo de voz, conhecido, no caso do texto literário, pelas informações do narrador).

Essa etapa pode ser considerada uma macroanálise das variações lingüísticas do diálogo.

4.2. As estratégias conversacionais

Essa fase situa-se dentro da linha teórica da Análise da Conversação, mas também da Pragmática e da Análise do Discurso. Devem-se trabalhar os diálogos, considerando sempre as informações contidas na enunciação, que podem esclarecer e ampliar a significação dos diálogos. Assim, traços típicos de uma interação, como marcadores conversacionais, repetições, anacolutos, parentéticas, interrupções sintáticas, silêncios prolongados, hesitações, disfluência, alterações prosódicas dos interlocutores etc. podem ser indicados pelo narrador ou pelos próprios diálogos e ajudam a compreensão do sentido

das "falas", contribuindo para esclarecer as estratégias conversacionais traçadas no diálogo.

Essas estratégias podem revelar intenções de proximidade/afastamento presença de clareza/ocultação/dissimulação; marcas lingüísticas de poder; preservação da face, aproveitamento dos conhecimentos partilhados pelos interlocutor; uso de implicaturas conversacionais; etc. Sua análise pode definir se o que as personagens dizem representa realmente o que pretendem dizer, considerada a situação de comunicação. Um teórico da Análise do Discurso assim vê essa busca das sutilezas do diálogo literário:

"Esse tipo de trabalho acrescenta-se às pesquisas sobre argumentação, que igualmente estudam os sutis jogos tecidos pelos interlocutores durante a dinâmica comunicativa; o encadeamento de suas intervenções e ai estreitamente dependente de estratégias de captação da palavra, de um trabalho implícito de negociação permanente. (...) O diálogo é menos um intercâmbio harmonioso de informações do que uma rede flexível na qual cada um tenta aprisionar seu co-enunciador." (Maingueneau, 1996: 23)

As estratégias conversacionais no diálogo poderiam ser, eventualmente, classificadas dentro de três tipos diferentes, considerados os seus fins:

1. Sinonímia pragmática: os interlocutores usam diferentes estratégias lingüísticas, para alcançar fins semelhantes;
2. Hominímia pragmática: os interlocutores usam estratégias lingüísticas semelhantes, para alcançar diferentes fins;
3. Identidade pragmática: os interlocutores usam as mesmas estratégias lingüísticas para os mesmos fins. (Cf. Tannen & Lakoff, 1994: 148-9)

Essa etapa pode ser denominada de microanálise das variações lingüísticas.

Bibliografia Básica Inicial

- GOFFMAN, E. (1981). *Forns of talk*. Philadelphia: University of Pennsylválnia Press.
- _____. (1989). *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia S. Raposo, Petrópolis: Vozes.
- MARCUSCHI, A. (1999). Marcas de interatividade no processo de textualização na Escrita. In: RODRIGUES, C. et al. *1 Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações, p. 139-156.
- _____. (2001). *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez.
- PRETI, D. (1984). A língua oral e a literatura: cem anos de indecisão. In: PRETI, D. (org.) *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz: Edit. da Univ. de São Paulo. p. 103-123.
- _____. (1993). A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações, p. 215-28.
- _____. (1997). Mas, como deve falar as personagens literárias? *Revista da ANPOLL*, v. 3, p. 43-67.
- _____. (1 998). Oralidade e narração literária. *Revista da ANPOLL*, v. 4, p. 81-96.
- _____. (2000). *Sociolingüística os níveis de fala: um estudo do diálogo na literatura brasileira*. 9.ed. São Paulo: Edit. da Univ. de São Paulo. (1.ed. 1974).
- RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P.M. (org.) (1 994). *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE.
- TANNEN, D. & LAKOFF, R. (1994). Conversational Strategy and Metastrategy in a Pragmatic Theory.: The Exemple of *Scenes from a Marriage*. In: TANNEN, D. *Gender and Discourse*. New York: Oxford University Press, p. 137-73.
- URBANO, H. (2000). *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez.